Crítica // Razão e sensibilidade ★★★

FOCUS FEATURES/ DIVULGAÇÃO



Rede de sentimentos se afirmam em *Razão e sensibilidade*

Central de desilusões

Ricardo Daehn

Honra e integridade contrapostas à riqueza, e à sombra de sentimentos autênticos — assim estão postos os elementos costurados na trama clássica narrada por Jane Austen, ao relatar dos amores e dos golpes sofridos pelas irmãs inglesas Elinor e Marianne, num texto literário do século 19. Quase expulsas de Norland (em Sussex), após a morte do pai, as irmãs Dashwood seguirão com a mãe e a irmã Margaret rumo à modéstia em chalé de Devonshire.

Persistência, choques e humilhação pública estarão no percurso das mulheres que teimam a favor da felicidade. Sob a direção de Georgia Oakley e apoiado num roteiro envolvente de Diana Reid que nada deve ao premiado filme anterior em torno de Austen, conduzido por Ang Lee (em 1995).

"Lugares e pessoas nunca são como esperamos" alerta uma das personagens, neste drama que administra desde intimidades até uma rede de sobrepostas hesitações coletivas, passando ainda por pesados e incontidos choros. Fiona Shaw, no papel da casamenteira Senhora Jennings rouba muito das cenas, numa pontuação mais leve da dupla Daisy Edgard-Jones (a prudente Elinor) e Esmé Creed Miles (a espalhafatosa radiante Marianne).

Homens que usam silêncio em manipulações emocionais e administram segredos estão no filme de Georgia Oakley. Na ciranda de pretendentes para as irmãs Dashwood, não faltam opções: desde o solícito Willoughby (Frank Dillane), o maduro Edward Ferrars (George MacKay) e ainda o empedernido militar Brandon (Herbert Nordrum), que, como diz um personagem: "todos admiram, e ninguém gosta".

Com design de produção de Francesca Di Mottola (Um sonho de amor), as cenas de danças e ambientes de baile ficam enriquecidas. O filme tem a favor a sintonia do elenco, em trabalho notável de Kharmel Cochrane, diretora de elenco (presente em filmes como *Nosferatu* e *Saltburn)*.

E se a morte for uma escolha?

Maria Carolina*

FOCUS FEATURES/ DIVULGAÇÃO



***Cartório das almas* estreia nos cinemas**

Incontáveis são as vezes que escutamos que a morte é a única certeza que se tem em vida, mas e se as ordens se invertessem e a morte passasse a ser uma decisão? Essa é a premissa do filme de Leo Bello, *Cartório das almas*. Após passar por festivais, a obra está em cartaz nas salas de cinema.

É neste contexto que Laura (Gabriela Correa), uma mulher de 126 anos, começa a trabalhar em um cartório que é responsável por registrar os motivos que levam as pessoas a desistirem da longevidade. Brasília foi peça fundamental para a construção cinematográfica, o elenco é formado por atores e atrizes brasilienses, além da cidade ter sido pano de fundo, o longa-metragem venceu, em 2023, as categorias de Melhor longa-metragem pelo Júri popular, Melhor direção de arte e Melhor edição de som.

Leo Bello, natural da capital, é graduado em cinema pela Fundação Armando Alves Penteado (FAAPSP) e trabalha com cinema, televisão e publicidade desde 2001. Bello escreveu e dirigiu , também, o longa-metragem *O espaço infinito* e escreveu e codirigiu a série documental *A sustentável leveza do ser*.

***Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco**

